

Clara dos Anjos, o “gênero e o nervoso”¹

Helena Bocayuva*

O romance de Lima Barreto serve de pretexto para um comentário sobre a recorrência do atributo “nervoso, a” nas descrições do feminino e seus contornos para o masculino.

O gênero - categoria produzida pelas ciências sociais para se referir às elaborações da cultura sobre as diferenças anatômicas entre os sexos - é, antes de tudo, relacional (Heilborn, 1995). Seguindo a perspectiva de gênero, cabe observar os atributos alocados ao masculino e ao feminino no texto de Lima Barreto. Destaco o estatuto do nervoso do personagem “Clara dos Anjos”: ora encontra-se articulado à “demanda sexual e ao aparelho reprodutivo”; ora está vinculado aos temas da sexologia e relacionado ao cérebro (Birman, 2001, 89). Quanto ao masculino, a narrativa sobre o principal personagem, o vilão, aparece relacionada aos marcos da sexologia. Cassi é descrito como “devasso” e “perverso”, com “atividade sexual levada ao extremo” (Lima Barreto, 2001,654).

No contraponto, há um personagem feminino cuja origem russa-alemã é salientada que escapa, pela via do cultural às determinações da natureza salientadas no romance (Elias,1994, 214).

I- Clara dos Anjos e o nervoso.

Em poucas palavras, lembro o tema de “Clara dos Anjos”: é a história da mulata de dezessete anos, seduzida por rapaz branco, useiro e vezeiro na arte de deflorar moças, em geral socialmente inferiores a ele.

A distância entre as posses das famílias de Cassi e Clara não podendo ser descrita como imensa, a cor da pele é uma categoria relevante para ressaltar a diferença social entre elas. Ambas as famílias são chefiadas por funcionários públicos, proprietários de suas casas, situadas em ruas do subúrbio que o autor define como “refúgio dos infelizes”(Lima Barreto, 2001, 693). Enumera cuidadosamente esta população de “operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, funcionários públicos e gente que apesar de honesta, vive de

¹Versão preliminar de capítulo do livro “Sexualidade e Gênero no imaginário brasileiro, metáforas do biopoder”, editado pela REVAN. (2007)

*Doutora em Saúde Coletiva do IMS/UERJ

pequenas transações” já que são poucos os vencimentos e salários (Lima Barreto, 2001, 693).

Entretanto, a casa da família branca de Cassi era numa rua “calçada a paralelepípedos” (Lima Barreto, 2001, 745) e a casa da família de Clara, ao contrário, “encharcava e ficava que nem um pântano (Lima Barreto, 2001, 639)” quando chovia, como comenta o autor, dando conta das disparidades entre os dispositivos sanitários da cidade e talvez fazendo alusão ao medo de miasmas (Batista Malaguti, 2003, 163). Falando da vizinhança de Cassi e atento ao regime de favores predominante na República Velha não perdoa: uma rua ganha “ares urbanos” e não outra, por que lá morou deputado ou ministro (Lima Barreto, 2001, 745).

O romance coloca em cena um domicílio de classe média baixa carioca do início do 1900, um chalé, como aqueles descritos por Gilberto Freyre nos Sobrados. O pai de Clara, Joaquim dos Anjos é carteiro, funcionário público que complementa os rendimentos fazendo cópias de partituras musicais, tarefa que recebia a contribuição de Clara. Sua mãe, D. Engrácia, descendente de antigos libertos, sedentária e caseira (Lima Barreto, 2001, 642) dedica-se exclusivamente ao seu pequeno mundo privado. Tinha sido criada com carinho de filha de família abastada: diziam que descendia dos varões da casa (Lima Barreto, 2001, 673).

Como outros personagens femininos do período, Engrácia vive mergulhada nas emoções do lar, tendo enterrado com o casamento a instrução *mimosa* que recebera (Lima Barreto, 2001, 674). Exceção feita para os trabalhos domésticos, evitava qualquer esforço. “Inerte”, “passiva” incapaz de qualquer iniciativa, ficava “quase doida” diante de um imprevisto (Lima Barreto, 2001, 673).

“Qualquer acontecimento inesperado que lhe surgisse no lar, punha-a tonta e desvairada”.

Trata-se de uma descrição do feminino que bordejia a insanidade mental. O perfil de D. Margarida, vizinha e amiga da família de Clara lhe serve de contraponto, sugerindo alternativas para os determinismos da natureza. D. Margarida sustenta-se com seu trabalho: ensinava a costura como também “(...) bordava, criava galinhas, patos e perus e mantinha-se serenamente honesta” (Lima Barreto, 2001, 665). É bem verdade que D. Margarida tinha satisfeito a “fome de gerar”, como diz Joel Birman (Birman, 2001, 86). Tinha seu filho

sempre ao lado, com uma fardeta de colegial o que envolve a possibilidade de impor mecanismos disciplinares (Lima Barreto, 2001, 665).

Detentora plena de suas faculdades mentais, talvez porque russa/alemã, Margarida é acionada pelas vizinhas, quando ocorrem um daqueles imprevistos que levam Engrácia ao “desvario”, tais como a morte da Babá que lhe criou, uma dor de dentes de Clara e sobretudo nas cenas que encerram o livro, que comentarei mais tarde.

D. Margarida ensina bordados à Clara e ainda a acompanha em suas idas à rua, passeios consentidos com parcimônia pela mãe, visando proteger a filha de todas as ameaças que atingiriam sua preciosa virgindade, âmago da contradição entre pureza e impureza.

“Clara era uma natureza amorfa, pastosa que precisava mãos fortes que modelassem e fixassem. Seus pais não seriam capazes disto. A mãe não tinha caráter, no bom sentido, para o fazer; o pai, devido a seus afazeres, passava a maior parte do tempo longe dela” (Lima Barreto, 2001, 673)

Longe de olhares indiscretos e dos perigos urbanos cresce Clara, “amorfa”. Amorfa, passiva, mole são atributos que descrevem freqüentemente as mulheres, no período.

As menções à sua formação cultural restringem-se às aulas de bordado dadas por Margarida e aos poucos conhecimentos musicais transmitidos por seu pai, em suas reduzidas horas de convívio com a filha. Ao contrário do filho de D. Margarida e das irmãs de Cassi, Clara não teve acesso à escola. As moças que não podiam pagar a sua educação não tinham onde estudar, como diz, em 1918, Lima Barreto:

“(…) não há estabelecimentos de ensino destinados ao ensino secundário para moças. O governo federal não tem nenhum, apesar da Constituição impor-lhes o dever de prover esta espécie de ensino no Distrito Federal. Ele julga porém, que só são só os homens que necessitam de instrução e mesmo os rapazes, ele o faz com estabelecimentos tão fechados, para onde se entra à custa de muitos empenhos” (Lima Barreto, 2001, 97). Na primeira versão de Clara dos Anjos, seu pai se chamava Manoel e tinha um segundo emprego para pagar uma escola religiosa para a filha, empreitada abandonada antes do fim do aprendizado da “gramática”.

“Foi criada com o recato e os mimos que, na sua condição talvez lhe fossem prejudiciais” (Lima Barreto, 2001, 663). Talvez a isto se refira Joel Rufino quando comenta que “Clarinha tivera uma educação acima da média para as moças de sua cor e condição”

(Rufino dos Santos, 2004, 109). Clara foi criada “reclusa sem convivência, sem relações, (...) sua pequenina alma de mulher por demais comprimida (...) compensaria com sonhos de um amor extra-real”, (...) estranhas reações físicas e psíquicas. (...) Acresce (...) que era geral em sua casa o gosto de modinhas”(...) e algumas são “lúbricas” (Lima Barreto, 2001, 674).

Com as modinhas, Clara apreende uma teoria que seria *romântica* sobre o amor: que o “amor tudo pode”, que estaria acima de convenções e interesses, acima dos preconceitos de cor e de classe social. Seria “a maior delícia da existência” (Lima Barreto, 2001, 675).

As fantasias de Clara remetem à invenção do amor romântico. Freire Costa analisa a poderosa utopia, submetendo-a às injunções históricas, como a hegemonia da crença no indivíduo e em sua interioridade, operação contemporânea à emergência de um sujeito amoroso, que a cultura ocidental moderna incorpora como universal (Freire Costa, 1998, 59-75). Uma das afirmações do autor expressa a descrição dos sentimentos de Clara dos Anjos: “idealização de um sentimento pessoal, apresentado como pleno, mágico, extático e superior em intensidade e gozo a qualquer outra experiência emocional do indivíduo” (Freire Costa, 1998, 73).

A educação de Clara e os cuidados que foi objeto são similares aos comentários de Lima Barreto sobre sua irmã em *Diário Íntimo*:

“Minha irmã, esquecida que como mulata que se quer salvar, deve ter certo recato, uma certa timidez, se atira ou quer se atirar a toda espécie de namoros, mais ou menos mal intencionados, que lhe aparecem” (Lima Barreto, 1954, 37).

Sua “natureza plástica talvez necessitasse ser moldada” por intermédio dos estudos das “ciências naturais”, como preconizara Jules Michelet (1798-1894), em obra mencionada na meticulosa lista que Lima Barreto fez de sua biblioteca (Lima Barreto, 1954, 313-330). De forma antagônica, recomenda para a educação dos meninos o aprendizado dos saberes abstratos.

Michelet baseava-se numa idéia hegemônica durante o Iluminismo: uma oposição simétrica entre os dois sexos². Ao consolidar o postulado “todos os homens são iguais”, o Iluminismo suscita a necessidade de justificar a desigualdade real que afetava as mulheres,

² Michelet, Jules “(...) il faut marquer sérieusement les différences profondes qui non seulement séparent les deux sexes, mais les opposent même, les constituant symétriquement opposés”. IN: *La Femme*. Paris: Flammarion, 1981. Pág. 147. Tradução minha.

os negros e os povos colonizados. Emergem nesta época as teorias que fundamentam a inferioridade dos selvagens e dos negros assim como a das mulheres.

Como diz Joel Birman: “a moderna democracia (pós Revolução Francesa) transformou efetivamente os fundamentos até então inquestionáveis do poder patriarcal, mas manteve inalteradas as fontes do poder masculino. Para isso, entretanto, foi necessário forjar um novo discurso, precisamente sobre a diferença sexual, pelo qual o homem e a mulher teriam **finalidades** e **inserções** sociais bastante diversas, em consequência de suas naturezas diferenciadas e irredutíveis uma à outra.” (Birman, 2001, 49)

Ou ainda, nas palavras de Gilberto Freyre:

“A exploração da mulher pelo homem, característica de outros tipos de sociedade ou de organização social, mas notadamente do tipo patriarcal-agrário - tal como o que dominou muito tempo no Brasil - convém a extrema especialização ou diferenciação dos sexos.” (Freyre, 1986, 93)

Clara foi educada entre “mimos e vigilâncias” sem “aprender da boca de seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigos” (...), como diz Marramaque, o personagem que lhe serve de padrinho (Lima Barreto, 2001, 657).

Marramaque havia crescido numa pequena cidade da “antiga Província do Rio de Janeiro, tão próspera”, com suas fazendas de café enriquecidas às custas do trabalho escravo, nestes poucos anos que precederam a abolição. Apesar de ter recebido apenas “educação rudimentar” teria privado com pessoas de todas as camadas sociais. Temia pela integridade da afilhada, apenas “uma mulatinha, filha de um carteiro” (Lima Barreto, 2001, 671).

Observa:

“(...) a atmosfera de corrupção que cerca as raparigas do nascimento e da cor de sua afilhada e também o mau conceito em que se têm as suas virtudes de mulher” (Lima Barreto, 2001, 663)

Cabe lembrar que, segundo os ditos e escritos da época, as mulatas exerceriam um quase fascínio sexual sobre os homens:

“À mulata, pela sugestão sexual não só dos olhos como do modo de andar e do jeito de sorrir, alguns acham que até que dos pés, porventura mais nervosos que os das brancas e os das negras; (...) do sexo, dizem que em geral mais adstringente que o da branca; do cheiro de carne, afirmam certos voluptuosos que todo especial na sua provocação - à mulata, por todos esses motivos, já se tem atribuído (...) em nome de ciência tão verde, e em começo como a sexologia, uma

como permanente “superexcitação sexual” que faria dela uma anormal” (...) (Freyre, 1996, 602)

No balancez³ entre cultura e natureza, o sociólogo pernambucano conclui seu raciocínio ponderando:

“(…) O bom senso popular e a sabedoria folclórica continuam a acreditar na mulata diabólica, superexcitada pela natureza; e não pelas circunstâncias sociais quase sempre a rodeiam, estimulando-a as aventuras do amor físico como a nenhuma outra mulher de raça pura-melhor defendida de tais excitações pela própria fixidez de sua situação social, decorrente da de raça, também mais estável.” (Freyre, 1996, 602)

II- Clara dos Anjos, seu herói e a trama da sedução.

A trama de sedução tem início quando o nome do vilão, Cassi, é levantado entre possíveis futuros convidados para a festa de aniversário de Clara. Mais que branco, Cassi é ruivo, traindo a herança européia na pessoa de um vago antepassado, um cônsul inglês. Sem ocupação fixa, dado a farras, criador de galos de briga e violeiro, é definido como “bem brasileiro”. Aos trinta anos, nunca havia trabalhado. Tinha “todos os vícios menos um, não bebia”, diz o autor com ironia (Lima Barreto, 2001, 694).

“Nunca suportara um emprego, e a deficiência de sua instrução impedia-o que obtivesse um de acordo com as pretensões de muita cousa que herdara da mãe: além disso, devido à sua educação solta, era incapaz para o trabalho assíduo, seguido, incapacidade que, agora, roçava pela moléstia. A mórbida ternura da mãe pôr ele, a que não eram estranhas as suas vaidades pessoais, junto à indiferença desdenhosa do pai, com o tempo fizeram de Cassi o tipo mais completo de vagabundo doméstico que se pode imaginar. É um tipo bem brasileiro” (Lima Barreto, 2001, 652).

Cassi lembra algumas descrições de Gilberto Freyre, como também de Machado de Assis, sobre a educação do brasileiro: relegada às mães, incapazes de exercer a função de educadoras, restringindo-se a passar a mão na cabeça do filho querido (Freyre, 1996, 114).

A situação de inferioridade da mulher na sociedade brasileira foi tema de muitas crônicas de Lima Barreto. Bateu-se contra a complacência dos tribunais absolvendo maridos ou amantes que tinham assassinado suas mulheres, mas criticou duramente em cerca de oito

³ A expressão é de Antonio Cândido.

crônicas a entrada da mulher no espaço público. Era leitor de Spencer e de Tito Lívio de Castro, grande divulgador da domesticidade feminina. As mulheres do tempo de Nilo Peçanha estariam invadindo as repartições e assumindo tarefas pouco adequadas ao sexo feminino. Tal como os papagaios as mulheres, sobretudo jovens, saberiam imitar, mas não teriam atributos biológicos para desempenhar uma função pública:

“As mulheres têm muita aptidão para a retenção e para a repetição, sobretudo nas primeiras idades; mas não filtram os conhecimentos através do seu temperamento, não os incorporam à sua inteligência(...) Daí, sua pouca capacidade de invenção e criação; mas daí também os seus sucessos nos exames e concursos, tudo está na ponta da língua”

(Lima Barreto, 2001, (1921)882)

Em artigo publicado em 1918 cita nominalmente Krafft-Ebing: usando de humor diz que “a profissão da mulher é o casamento”. Esposas, sim, mães, não: as mulheres não poderiam exercer as funções disciplinadoras que a maternidade exige - como visto nas descrições das mães de Clarinha e de Cassi (Lima Barreto, 2001, 873).

Se é verdade que as amigas dizem quem somos é mais prático anunciar que Cassi não tinha amigos, tinha comparsas. O Arnaldo vivia de pequenos furtos. Chapéus, bengalas e sobretudo embrulhos dos que adormeciam nos trajetos de trem passavam rápido às suas mãos e eram revendidos. Também não respeitava a fragilidade das crianças: sempre que via alguma a caminho do armazém tomava-lhes o dinheiro. Zezé Matos é caracterizado pelo autor como portador de “imbecilidade”, agravada pelo álcool. Não associava duas idéias, não tinha memória, ao beber se punha valente (Lima Barreto, 2001, 654). Branco, mole, bambo e desdentado, tinha a cabeça em feitio de mamão. Zezé dedicava-se a pescar, ganhar um trocado capinando ou caçar passarinhos como uma criança. (Lima Barreto, 2001, 654). Ataliba do Timbó era “mulato, claro, faceiro”. Trabalhava e era arrimo de família até esbarrar com Cassi. Largou a mãe pra lá e passou a viver de expedientes, entre eles o jogo de dados. Foi se meter a Don Juan, como o mestre Cassi e se deu mal: teve que casar com Ernestina e com ela teve uma cambada de filhos. É verdade que a pobre passou a viver com dificuldades “sempre mal calçada, quando em solteira o seu luxo era os sapatos” (Lima Barreto, 2001, 654). A vida de Ernestina melhorou quando Ataliba do Timbó se tornou agente do jogo do bicho (Lima Barreto, 2001, 654).

Por último, resta mencionar o Franco Souza, no dizer do autor “malandro mais apurado”. Este fingia que era advogado e vivia da ingenuidade alheia. Recebia um adiantamento para tratar de uma causa e às vezes até mais de uma parcela como honorários, mas como não era bacharel “as causas” não caminhavam. Em sua casa, Cassi não punha os pés, a mulher não era tola e protegia a virgindade das filhas, já mocinhas (Lima Barreto, 2001, 654).

Entretanto, cabem algumas linhas sobre o pai de Cassi. Seu nome, Manoel, levanta uma pista que remete a uma poderosa crença da época. Talvez a linhagem paterna fosse de origem portuguesa, e Cassi traria a voracidade sexual inscrita no corpo, como rezava o neolamarquismo tão potente no período. O indivíduo seria produto de heranças biológicas, transformadas paulatinamente pelo efeito de outros fatores, tanto oriundos da esfera da natureza, como gerados pelo cultural (Bocayuva, 2001, 51) . A influência árabe, as navegações, as práticas de colonizador, o clima tropical e a história fizeram do português o mais lúbrico elemento da nação brasileira. Este caráter, para Gilberto Freyre, por exemplo, é herdado pelos brasileiros e se expressa no grande número de filhos gerados dentro e fora do casamento como também na linguagem. São citados os nomes dados aos doces e o gosto pelas anedotas *fesceninas* nas conversas do cotidiano:

“A maior delícia do brasileiro é conversar safadeza” (Freyre, 1988, 251)

Filho de “boa burguesia remediada” (Lima Barreto, 2001, 745), Cassi teria se tornado “um vagabundo” na classificação do autor porque lhe faltaram pai e lei. Manoel estaria demasiado absorto em suas funções de provedor para exercer seu papel na transmissão do que seria um homem, seu igual, seu herdeiro.

“A sua educação e instrução foram por deveras descuradas. Primeiro nascido do casal, quando as exigências da manutenção da família obrigavam a seu pai trabalhar dia e noite, não pode este vigiá-las convenientemente, (...) Cresceu assim, sem nenhuma força moral que o comprimisse (...)” (Lima Barreto, 2001, 655)

Foucault destaca em seu trabalho sobre a história da sexualidade e o advento da modernidade a importância do desenvolvimento de quatro dispositivos normatizadores: a “histerização da mulher”; “a pedagogização do sexo da criança”; “a socialização das

condutas de procriação” e “a psiquiatrização do prazer perverso” – ou seja, o sexo não reprodutivo (Foucault, 1988, 99).

No que concerne a invenção da pedagogia, baseado em numerosas pesquisas como as de Philippe Ariès, descreve os mecanismos tentaculares que são construídos e que resultaram finalmente no seguinte: “na relação entre o psiquiatra e a criança, a sexualidade dos adultos acabou posta em questão (Foucault, 1988, 94).

Estas estratégias de poder e saber podem ser apreendidas ao longo do romance . Assim, vejamos no caso de Cassi. No seu ativo, contava “perto de dez defloramentos e a sedução de um sem número de casadas” (Lima Barreto, 2001, 646). Não por acaso, “sua primeira vítima” foi Inês, doméstica na casa de seus pais e uma vez grávida, posta no olho da rua. (Lima Barreto, 2001,731) Agora fazia parte do que “havia de mais sórdido na população”: “negra, suja, carapinha desgrenhada, com um caso de pente atravessado no alto da cabeça, (...) meio embriagada”(Lima Barreto, 2001,731).

Tendo crescido longe dos olhares do pai, sem a disciplina necessária, Cassi teria se tornado quase um degenerado, um hipersexual e por aí predisposto a gerar criminosos: seu filho com a “cria” da casa de seus pais, aos dez anos era um “pivete” e se encontrava na cadeia. O primeiro Código Penal da República” art. 27, # 1 considerava “responsáveis criminalmente as crianças que completavam nove anos”(Pierangeli, 2001, 275)

Subjaz nas entrelinhas a teoria da Degeneração, como nas palavras de Afrânio Peixoto, professor das Faculdades de Medicina e Direito da Universidade do Rio de Janeiro. A Degeneração então:

“(…) seria um complexo de estados psicopáticos, provenientes de desvios ou regressão do tipo originário, - diminuído constitucionalmente de resistência, na luta pela vida, pelas taras de imperfeições orgânicas (estigmas físicos) e pelas anomalias de inteligência, da emotividade, da vontade, determinantes de fobias, obsessões, impulsos, perversões (estigmas psíquicos). Conduz ordinariamente às prisões, aos hospícios; prolonga-se numa degradação mais baixa ou se termina na esterilidade.” (Peixoto, 1923, 189)

Cassi deixado aos cuidados da mãe, completamente despreparada para as funções normatizadoras, como narra a literatura do período, com ecos que ressoam na atualidade, dedica-se a “uma atividade sexual levada ao extremo” (Lima Barreto, 2001, 656).

Evocando os autores deste tempo cabe lembrar Krafft-Ebing (1840-1902), um dos mestres da *scientia sexualis*. Teorizou sobre o “excesso sexual” que considerou como “um dos mais importantes **desvios** da vida sexual”. Consistiria num “vigor **anormal** das sensações e representações sexuais.”(...) “Graças à educação e à disciplina de muitos séculos o instinto sexual, indispensável à conservação da espécie e sempre presente no ser **normal** não domina nem abafa todos os sentimentos humanos” (Krafft-Ebing, 1950, 120)⁴. Cassi entretanto não era “doente”: não possuía nem “nevrose” nem qualquer “psicopatia” (Lima Barreto, 2001, 657). A linguagem que relata e explica os males do vilão se ancora num paradigma que vincula os nervos ao cérebro. Remete à sexologia de Krafft-Ebing, cuja citação, contida num texto de Freud, reproduzo a seguir:

“O modo de vida de um sem número de povos civilizados da atualidade apresenta uma grande quantidade de aspectos anti-higiênicos que explicam o novo incremento de doenças nervosas, pois estes fatores atuam primordialmente sobre o cérebro.”(Freud, 1969, 190)

A reputação do sedutor já circulava entre os familiares de Clara. Foi decidido convidá-lo esta vez e só esta. Mas, talvez fosse demasiado tarde: “a fascinação da perversidade nas cabeças femininas” (Lima Barreto, 2001, 667) seria inexorável. As categorias designadas como “perversões sexuais” estão na ordem do dia.

Krafft-Ebing classificou entre “as perversões” o que denominou “servidão sexual” - ou seja “o estado onde o indivíduo se submete inteiramente a seu objeto de amor”. No que toca às mulheres, a servidão sexual seria uma modalidade do masoquismo, uma hipertrofia patológica das características da alma feminina.

Cabe indagar o por que da servidão sexual ser um atributo da mulher. O fundamento para a servidão sexual ser uma questão derivada do gênero feminino decorre da importância atribuída pelas mulheres ao amor e ao homem amado (Nunes, 2000, 100).

“É precisamente a situação de subordinação ao homem que é sempre procurada pela verdadeira mulher. A despeito de qualquer teimosia, em geral, é a mulher que depois de uma rusga amorosa se percebe (...) como a parte que errou (...) São as mulheres que descrevem seus sentimentos pelo homem amado como uma

⁴ Krafft-Ebing, Richard. *Psychopathia Sexualis*. Prefácio: Pierre Janet. Paris: Payot, 1950. Pág. 120. Tradução minha. “Une des plus importantes déviations de la vie sexuelle (...) est une vigueur anormale des sensations et représentations sexuelles (...). C’est grâce à l’éducation et à la discipline de bien des siècles que l’instinct sexuel, indispensable à la conservation de de l’espèce, et toujours présent chez l’être normal, ne domine ni n’étouffe tous les sentiments humains.”

espécie de hipnose, porque com efeito, no amor, elas se sentem absolutamente sem independência.” (Krafft-Ebing, 1950, 290)

Cassi se faz esperar na festa de Clara: chega tarde. Clara. Instado a cantar solta seus “tics” de tocador de violão” por acaso, os versos falavam do sorriso da mulata, que enrabichou o feitor (Lima Barreto, 2001, 669). O padrinho Marramaque, que de bobo não tinha nada, percebeu a manha de Cassi e o interesse da afilhada. Retrucou na hora, com outros versos acompanhados de olhar certo, que não escaparam ao vilão: a coisa era com ele, e o padrinho um dia pagou caro. Cassi foi embora e a festa foi animada até o raiar do dia. Clara foi se deitar e ouviu a mãe, “de temperamento tão passivo” dizer a seu pai: “não quero mais que esse Cassi venha aqui(...)”. O rapaz (...) “é um devasso”, (...) “canta indecentemente, revirando os olhos”. Clara adormeceu chorando (Lima Barreto, 2001, 673).

Vivia “reclusa”, sob a vigilância constante da mãe. Não compreendia por que não poderia sair como as outras moças, que se divertiam acompanhadas da mãe ou do pai. Assim ficava para *tia*. Umas semanas depois do “baile”, Cassi bate à porta, enquanto Engrácia varre a sala. Não deixou à Clara o tempo de vir da cozinha falar com o rapaz: “ande, vá chamar seu pai” (Lima Barreto, 2001, 675).

Joaquim dos Anjos chega à porta e não convida o rapaz a entrar. Era domingo, dia de seu jogo de cartas com os velhos amigos, à sombra da árvore de tamarindo. A pressa da rodada lhe serve de pretexto para dispensar o rapaz.

O tom familiar do domingo contrasta com a biografia de Cassi, que vem à baila quando o seu Menezes, quase um dentista aparece. E a conversa ia virando uma discussão feia, já que Menezes tenta defender seu Cassi, “um monstro” segundo o dono do armazém (Lima Barreto, 2001, 679).

Um belo dia Clara é acometida de horrorosa dor de dentes. Seu Joaquim é convocado para levá-la ao dentista, mas não pode faltar ao serviço. Dona Engrácia se recusa a enfrentar as ruas, a solução é chamar Menezes, que faria o serviço em casa. Em troca, lhe serviriam o almoço.

Menezes começa o serviço de dentista e o de pombo correio das mensagens entre Cassi e Clara. Apesar do rapaz escrever errado, a moça se comove. Ela também se expressava de forma piegas, a troca se torna calorosa e encaminha um encontro.

A estratégia utilizada pelo sedutor para levar as moças pra cama consistia em “simular amor”. Na descrição de Lima Barreto o sentimento é um absoluto engodo:

“(…) escrevia detestavelmente cartas langorosas, fingia sofrer, empregava todo o arsenal do amor antigo, que impressiona tanto a fraqueza de coração das pobres moças daquelas paragens, nas quais a pobreza, a estreiteza de inteligência e a reduzida instrução concentram a esperança de felicidade num (...) grande e eterno Amor, na Paixão correspondida (...)” (Lima Barreto, 2001,657)

O amor é antes de tudo, “antigo”. Pode ser contraposto “à sincera afeição” que o pai de Cassi, seu Manoel, tem por D. Salustiana, sua mãe. (Lima Barreto, 2001, 656) Sinônimo de “paixão correspondida” é “esperança de felicidade grande e eterna” como talvez existisse no paraíso.

Faz parte da descrição do sedutor ser violeiro e tocar modinhas. As modinhas nos relatos do período recebiam a pecha “de exacerbar a sexualidade feminina e trariam o sabor da promiscuidade incestuosa das antigas casas grandes” (Freyre, 1998, 341). Ao receber as cartas de Cassi, Clara dos Anjos sonha com música em seus ouvidos, um sonho desassossegado de mocinha apaixonada que ora chora, ora ri, saltos de humor e irritabilidade que provocam a desconfiança dos pais.

Levada ao médico tem suas mazelas diagnosticadas como males “do sexo” e “da idade” (Lima Barreto, 2001, 717) - ou seja, o “estado nervoso” estaria relacionado não com o cérebro, mas com o desejo sexual e o aparelho reprodutivo (Birman, 2001, 87). A solução encontrada pelo pai mostra a influência da ciência no senso comum contemporâneo ao autor: trata de conduzi-la ao banho de mar.

Artimanhas várias, olhares ternos e promessas de casamento encaminham o desfecho do romance. Clara recebe o rapaz em seu quarto e “toda ela se sentiu sair fora de si, ficar mais leve, aligeirada não sabia de que; e insensivelmente, sem violência de espécie alguma ele a

tomou para si, tomou sua única riqueza⁵, perdendo-a para toda a vida (...) (Lima Barreto, 2001, 736)”.

A associação entre o hímen e seu valor econômico é mais que uma simples metáfora. O defloramento de Clara remete ao art. 276 do Código Penal de 1890: uma reparação na forma de dote era prevista na lei.

III-Um desfecho previsível

A concepção é imediata e a interrupção da gravidez é objeto de um monólogo do romance. A gestação poderia “ser desmanchada” com um “remédio” mas a solução mágica dependeria de conhecimentos de D. Margarida. (Lima Barreto, 2001, 743) No monólogo de “Clara dos Anjos”, Margarida se recusaria, por razões morais, a contribuir para o “crime”. O medo de morrer e “remorsos por assassinar um inocente” invadem Clara, que acaba confessando seu estado para a amiga russo alemã, sem mencionar a possibilidade de interromper a gravidez.

A “varonil” D. Margarida acompanha Clara à casa do sedutor. (Lima Barreto, 2001,748).O discurso da dignidade ultrajada é recebido com insultos e gritos pela mãe de Cassi, outra “nervosa”?

Chega seu Manoel, lamenta os feitos do filho e como que desmaia: a voz sumiu, “desmaiou o corpo sobre a cadeira e os olhos foram se tornando inchados”.(Lima Barreto, 2001,747) Nervoso?

Se o “defloramento” é crime previsto no Código Penal vigente no período⁶, não por falta de instrumentos punitivos, Cassi guarda sua liberdade, escapulindo. Lima Barreto lamenta a impunidade de Cassi, preservada por sua cor, e, talvez, por que se beneficie de uma rede de relações de seu grupo familiar. Quanto à Clara, resigna-se na posição de vítima, situação que teria sido transformada pela “educação e o fortalecimento do caráter”, nos moldes da figura de Margarida, através da qual o autor apresenta a instância civilizatória, para contrapor ao “sexo” e “raça”.

⁵ Agradeço a Nilo Batista e à Vera a leitura e a orientação com o Código Penal de 1890.

⁶ Ver Código Penal de 1890, art. 267. Códigos Penais do Brasil. Evolução Histórica. Pierangeli, José Henrique. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 2001.

Na narrativa de Lima Barreto, disposições inatas e biológicas acarretariam pressupostos morais distintos, matizados pela cor da pele, para o masculino e o feminino. Entretanto, sob certas condições estas determinações biológicas subordinam-se ao cultural, permitindo destacar-se a tensão entre cultura e natureza que Antonio Cândido tão elegantemente resumiu com o termo *balancez*, ao analisar a obra de Gilberto Freyre.

O balanço continua, pautando o estatuto do nervoso feminino no romance “Clara dos Anjos”. Destaco o movimento na concepção do tema, ora vinculado ao binômio “demanda sexual/útero”, ora situado no cérebro - ainda distante das representações psíquicas da teoria de Freud (Birman, 2001, 87).

Como diz Joel Birman, falando sobre a “concepção nervosa” na modernidade:

“Foi quando começou a se constituir progressivamente outra versão, segundo a qual a histeria não teria nada a ver com a genitália e o útero das mulheres, isto é com a demanda de procriação e o erotismo, mas com uma alteração do sistema nervoso” (Birman, 2001, 87)

Em poucas palavras, um fio pode ser traçado entre os pólos que compõem a descrição do nervoso no romance “Clara dos Anjos” e as concepções teóricas sobre o tema, à época de Lima Barreto. Desenha uma pessoa humana onde a antiga separação dual entre corpo e alma é conectada via sistema nervoso, que articula relações entre o físico e o moral (Dias Duarte, 1993, 60). Um fio que remexendo os novelos do tempo tece comentários sobre o gênero e o nervoso na modernidade brasileira.

IV- Referências bibliográficas

BATISTA MALAGUTI, Vera. 2003. O medo na cidade do Rio de Janeiro. Dois tempos de uma história. Rio de Janeiro, Revan.

BIRMAN, Joel. 2001. Gramáticas do Erotismo. A feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

BOCAYUVA, Helena. 2001. Erotismo à brasileira. O excesso sexual na obra de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro, Garamond.

DIAS DUARTE, Luiz Fernando. 1993. “Os nervos e a antropologia médica: uma revisão crítica”. IN:UERJ/IMS, PHYSIS, Revista de Saúde coletiva. Vol 3, número 2, Pág. 60.

ELIAS, Norbert. 1994. O Processo Civilizador. tradução: Ruy Jungman; revisão e apresentação Renato Janine Ribeiro. 2 ed. – Rio de Janeiro, Jorge Zahar editora. (1897-1990)

FOUCAULT, Michel.1988. História da sexualidade I. A vontade de saber.; Tradução de M. T da Costa Albuquerque e J.^a Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal.

FREIRE COSTA, Jurandir.1998. Sem Fraude nem favor. Estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro, Rocco.

FREUD, Sigmund.1969.(1908). “Moral sexual civilizada e doença nervosa”. IN: Edição Standard brasileira das obras completas, Vol ix. Rio de Janeiro, Imago.

FREYRE, Gilberto. 1988 (1933). Casa-Grande & Senzala-Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Record, 1988

FREYRE, Gilberto.1996(1936). Sobrados e Mocambos. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Rio de Janeiro, Record, 1996

HEILBORN, Maria Luiza. 1995. “De que gênero estamos falando”. IN: Sexualidade, Gênero e sociedade. N.1.

KRAFFT-EBING, Richard.1950. Psychopathia Sexualis. Paris, Payot.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques. 1954. Diário Íntimo. São Paulo/Rio de Janeiro, Mérito.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques. 2001. “Clara dos Anjos”. IN: Prosa Seleta. Rio de Janeiro, Nova Aguillar

MICHELET, Jules.1981. La Femme. Paris: Flammarion.

NUNES, Sílvia Alexim.2000. O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha. Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

PEIXOTO, Afrânio.1923. Psico-patologia Forense. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves.

PIERANGELI, José Henrique. 2001. Códigos Penais do Brasil. Evolução Histórica. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais.

RUFINO Dos SANTOS , Joel.2004. Épuras do social. Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres. São Paulo,Global.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques. 1954. Diário Íntimo. São Paulo/Rio de Janeiro, Mérito.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques. 2001. Clara dos Anjos.IN: Prosa Seleta. Rio de Janeiro, Nova Aguillar

MICHELET, Jules.1981. La Femme. Paris: Flammarion.

NUNES, Sílvia Alexim.2000. O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha. Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

PEIXOTO, Afrânio.1923. Psico-patologia Forense. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves.

PIERANGELI, José Henrique. 2001. Códigos Penais do Brasil. Evolução Histórica. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais.

RUFINO Dos SANTOS , Joel.2004. Épuras do social. Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres. São Paulo,Global.